



O melhor presente de Natal do mundo

*A todos quantos, de ambos os lados do conflito,
tomaram parte na trégua de Natal de 1914.*

Vi-a numa loja de velharias em Bridport. Era uma escrivaninha de tampo corrediço, e o vendedor afirmava tratar-se de uma peça em carvalho do início do século XIX. Há já anos que procurava uma escrivaninha deste estilo, mas nunca tinha encontrado uma que pudesse comprar. Esta não estava em bom estado: a tampa tinha várias rachadelas, uma das pernas estava mal consertada, e havia marcas de queimaduras por todo o lado.

Não era cara, e pensei que poderia tentar restaurá-la eu mesmo. Seria um risco, um desafio, mas era a minha única oportunidade de ter uma escrivaninha

assim. Paguei o que o homem pediu, e levei-a para a minha oficina, na parte de trás da garagem.

Comecei a restaurá-la na véspera de Natal, sobretudo devido à quantidade de visitas que havia em casa. Faziam muito barulho, e eu queria ter algum sossego.



Abri o tampo e puxei as gavetas.

Cada uma delas prenunciava um desafio maior do que eu tinha imaginado. O verniz estava a descascar um pouco por todo o lado. Parecia que a peça tinha sido salva de um naufrágio. Era evidente que esta escrivantina tinha atravessado fogo e água. A última gaveta estava empenada e tentei abri-la com cuidado. Mas os meus esforços não resultaram e tive de usar toda a força que pude.

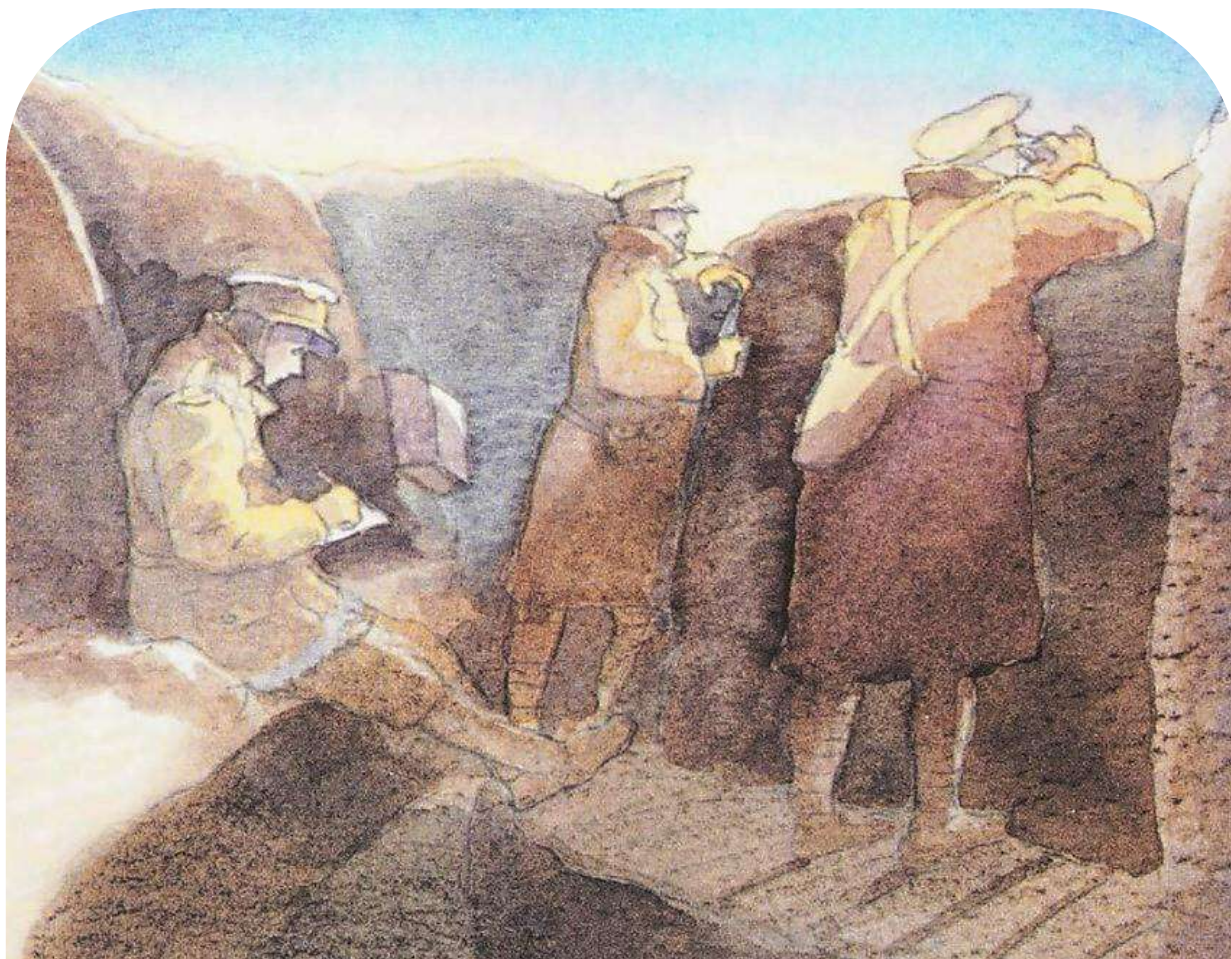
Bati-lhe com o punho e logo ela se abriu, revelando um compartimento secreto. Este continha uma pequena caixa em folha, com uma página de papel pautada, na qual a mão trémula de alguém tinha escrito “A última carta de Jim, recebida a 25 de janeiro de 1915. Para ser enterrada comigo, quando eu morrer.”

Soube, logo que o fiz, que não deveria abrir a caixa, mas a curiosidade levou a melhor. Dentro da caixa estava um envelope, endereçado à Sra. Jim Macpherson, 12 Copper Beeches, Bridport, Dorset. Peguei na carta e abri-a. Estava escrita a lápis e datava de 26 de dezembro de 1914.

+++++

Querida Connie

Escrevo-te, feliz, porque acaba de acontecer algo de maravilhoso que quero contar-te já. Ontem de manhã, estávamos todos nas trincheiras. Era Dia de Natal e estava uma das manhãs mais bonitas que vira até então, tranquila e gelada como uma manhã de Natal deve ser.



Gostava de poder dizer-te que fomos nós que tivemos a iniciativa. Mas a verdade, envergonho-me de to dizer, foram os Alemães a fazê-lo. Primeiro, alguém viu uma bandeira branca a ondular nas trincheiras do inimigo. Depois, ouviu-se gritar:

— Feliz Natal! Feliz Natal!

Quando nos tínhamos recomposto da surpresa, alguns de nós retribuíram:

— Feliz Natal para vocês também!

Pensei que tudo ficaria por ali. Todos pensámos. Mas, de repente, vimos um deles, no seu sobretudo cinzento, a agitar uma bandeira branca.

— Não atirem, rapazes! — alguém gritou.

E logo vimos mais Alemães, uns a seguir aos outros, a aproximarem-se da nossa trincheira.

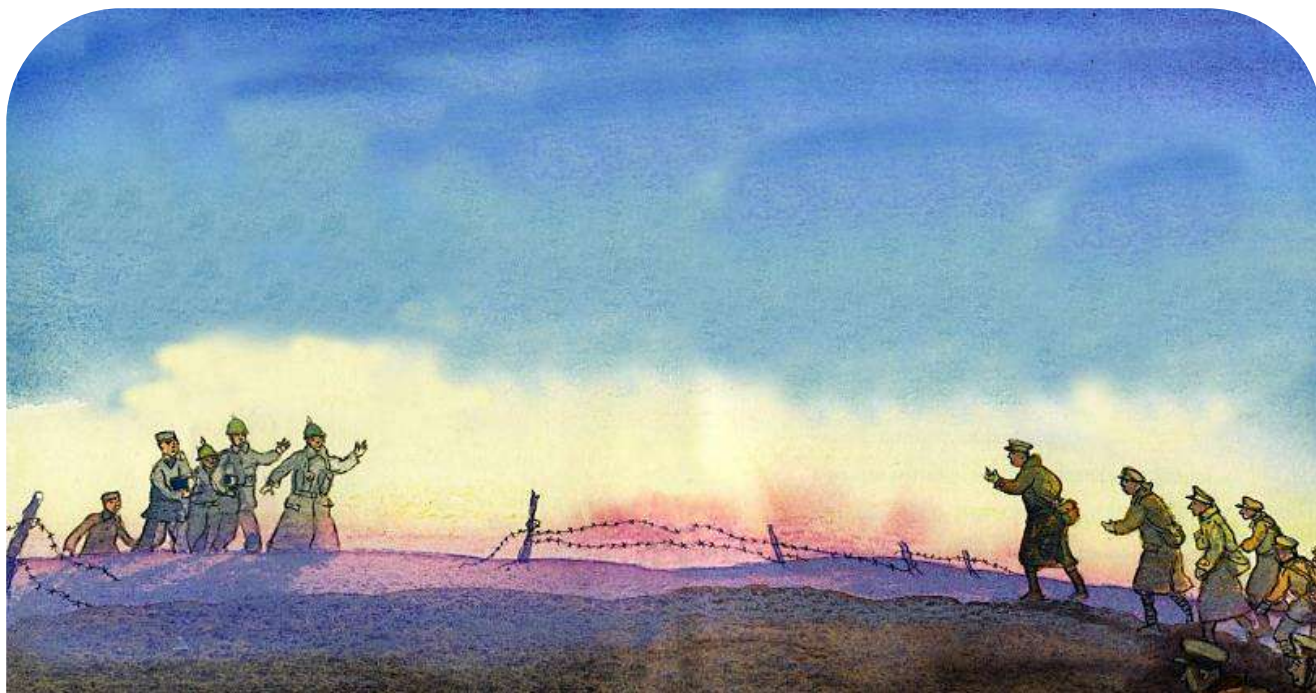
— Mantenham-se em baixo — ordenei aos meus homens. — É uma armadilha.

Mas não era. Um dos Alemães agitava uma garrafa no ar.

— É Dia de Natal. Temos cerveja e salsichas. Querem encontrar-se connosco?

Por esta altura, já dezenas deles se dirigiam até nós. Nenhum deles transportava armas. O soldado Morris foi o primeiro a mexer-se.

— Vamos lá, rapazes! De que estamos à espera?



Ninguém conseguiu impedi-los. Eu era o oficial e devia ter travado aquilo imediatamente. Mas nem me ocorreu. Homens de ambos os lados, vestidos com sobretudos cinzentos ou com uniformes caqui, caminhavam em direção uns dos outros, e eu era um deles. Fazia parte daquilo. No meio da guerra, celebrávamos a paz.

Não podes imaginar, querida Connie, o que senti, quando olhei nos olhos o oficial alemão que se aproximava de mim, com a mão estendida.

— O meu nome é Hans Wolf — disse, segurando a minha mão com firmeza e afabilidade. — Sou de Dusseldorf e toco violoncelo na orquestra da cidade. Feliz Natal!

— Sou o Capitão Jim Macpherson — respondi. — Sou professor em Dorset, no leste de Inglaterra. Feliz Natal para si, também!

— Dorset — repetiu. — Conheço muito bem esse lugar.

Partilhámos a minha ração de aguardente e a excelente salsicha dele. E falámos, falámos sem parar. O inglês dele era excelente, mas acontece que nunca tinha posto os pés em Dorset. Tudo o que sabia sobre Inglaterra tinha-o aprendido na escola e nos livros que lia em inglês. O seu escritor favorito era Thomas Hardy.

Tinha mulher e um filho, com seis meses de idade. Enquanto olhava à minha volta, só via manchas de cor cinzenta e caqui a fumarem, a rirem, a comerem e a beberem. Hans Wolf e eu partilhámos o que restava do teu ótimo bolo de Natal. Segundo ele, o teu maçapão era o melhor que alguma vez provara. Concordei. Concordávamos em tudo, Connie, e ele era meu inimigo. Nunca tinha havido festa de Natal assim!

Alguém trouxe uma bola de futebol. Os sobretudos foram despidos e transformados em postes de balizas. O jogo começou. Hans Wolf e eu assistimos e encorajámos os

jogadores, batendo palmas e batendo com os pés no chão, para afastarmos o frio. Houve um momento em que vi a nossa respiração misturar-se. Ele viu o mesmo e sorriu.



— Jim Macpherson — disse, passado um bocado —, penso que é assim que esta guerra devia ser resolvida. Como um jogo de futebol. Ninguém morre num jogo de futebol. Ninguém fica órfão. Nenhuma mulher fica viúva.

— Prefiro o críquete — disse-lhe. — Assim, os Ingleses ganhariam.

Rimo-nos da minha piada e assistimos ambos ao jogo. Lamento dizer que os Alemães ganharam 2-1. Mas Hans Wolf comentou, com generosidade, que o nosso golo fora mais bem marcado do que o deles.

Quando o jogo acabou, já há muito tinham desaparecido a cerveja, o bolo, a aguardente e as salsichas. Desejei felicidades a Hans e fiz votos de que voltasse a ver a família em breve, de que a guerra acabasse depressa, e de que todos regressássemos a casa, sãos e salvos. Respondeu-me:

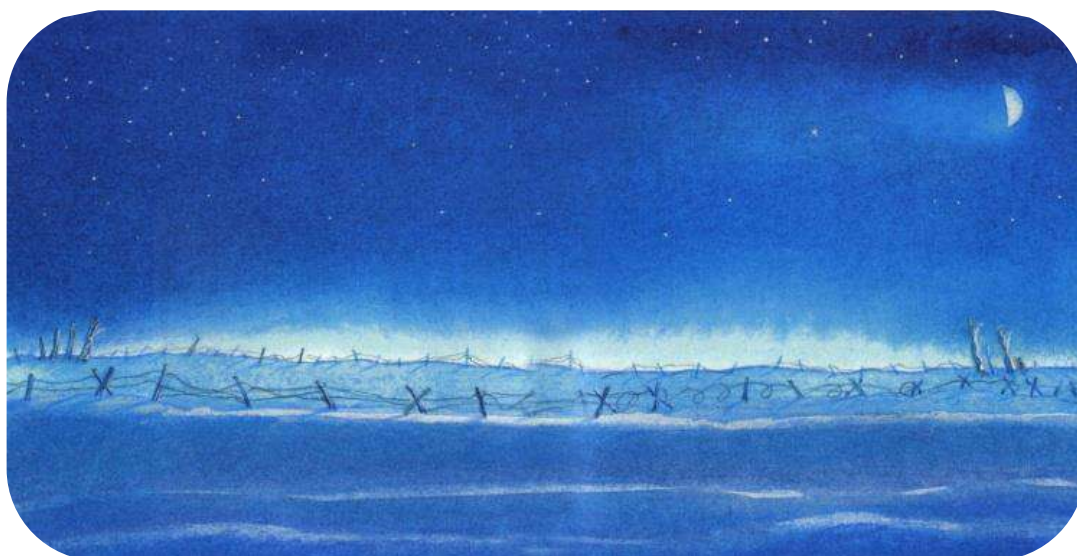
— Penso que é o que todos os soldados querem, sejam Alemães ou Ingleses. Tome cuidado consigo, Jim Macpherson. Nunca o esquecerei nem esquecerei este momento.

Fez-me continência e afastou-se, devagar, como que a contragosto. Virou-se para acenar, uma vez mais, e logo se transformou em mais um, por entre as centenas de homens vestidos de cinzento que regressavam às suas trincheiras.

Nessa noite, ouvimo-los entoar um belo cântico de Natal, “Noite Feliz”. Os nossos rapazes responderam com “Enquanto os pastores vigiam”. Trocámos cânticos durante mais algum tempo e, depois, calámo-nos.



Foi um momento de paz e boa vontade, que recordarei com carinho enquanto viver.



Querida Connie, no Natal do ano que vem, esta guerra não será mais do que uma recordação vaga e terrível. Sei, por tudo o que aconteceu hoje aqui, o quanto ambos os exércitos desejam a paz. Em breve estaremos de novo juntos, tenho a certeza.

O teu querido Jim



Dobrei a carta e coloquei-a de novo no envelope. Não contei a ninguém o meu achado. Guardei a vergonha da minha intrusão para mim mesmo.

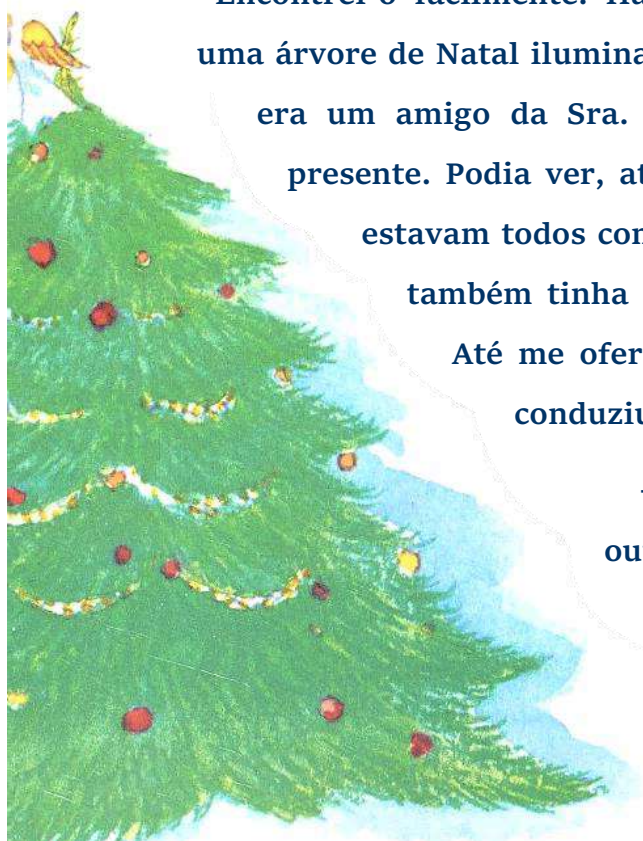
Penso que foi este sentimento de culpa que me manteve acordado toda a noite. Na manhã seguinte, já sabia o que devia fazer. Apresentei uma desculpa qualquer e não fui à igreja com o resto da família. Guiei até Bridport, que ficava apenas a uns quilómetros de distância. Perguntei a um rapaz, que passeava o cão, onde ficava a casa.

O número 12 não passava de uma concha vazia, com um telhado em ruínas e as janelas entaipadas. Toquei na casa ao lado e perguntei se sabiam o paradeiro da Sra. Macpherson. Um homem de idade, em pantufas, respondeu afirmativamente. Disse que era uma senhora amorosa, um pouco confusa, o que era normal, dado que tinha 101 anos. Estava em casa quando esta se incendiou. Ninguém sabia como o incêndio começara, mas pensavam que deveriam ter sido as velas. A senhora usava velas em vez de eletricidade, porque achava que esta era demasiado cara. Um bombeiro tinha-a salvo a tempo. Agora vivia num lar na estrada de Dorchester, do outro lado da cidade.

Encontrei-o facilmente. Havia serpentinas de papel no corredor e uma árvore de Natal iluminada estava montada num canto. Disse que era um amigo da Sra. Macpherson e que viera trazer-lhe um presente. Podia ver, através da porta envidraçada da sala, que estavam todos com chapéus de papel e a cantar. A Diretora também tinha um chapéu e ficou contente por me ver. Até me ofereceu uma tarte de carne picada. Depois, conduziu-me ao quarto da Sra. Macpherson.

— A senhora não está na sala com os outros, porque hoje sente-se bastante confusa. Não tem família e ninguém a visita. Tenho a certeza de que vai gostar muito de o ver.

Conduziu-me até uma estufa, cheia



de cadeiras de palhinha e vasos com plantas, e deixou-me a sós com a idosa. Esta estava sentada numa cadeira de rodas, com as mãos no regaço. O seu cabelo fino, branco e prateado, estava apanhado num rolo. Contemplava o jardim, absorta.

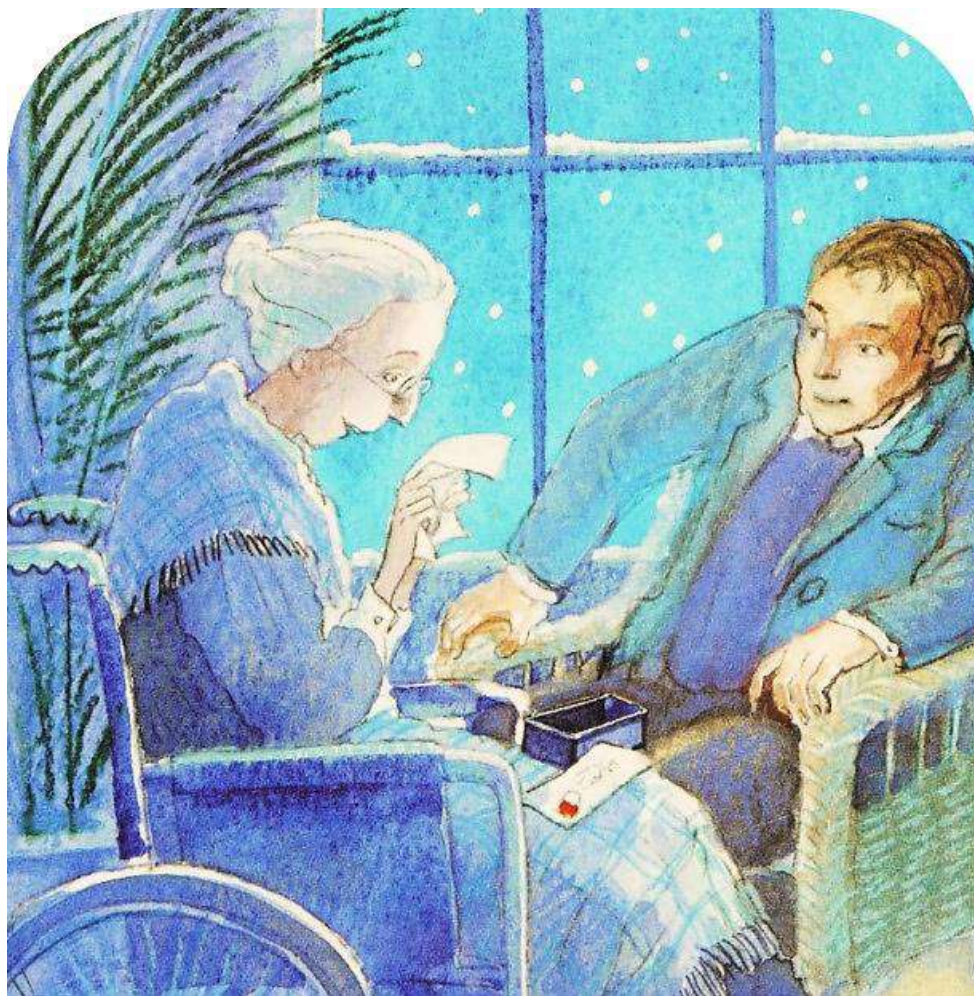


— Bom dia! — saudei.

Virou a cabeça e olhou-me com um olhar vago.

— Feliz Natal, Connie! — continuei. — Encontrei isto. Penso que é seu.

Enquanto eu falava, os olhos dela nunca se desviaram da minha cara. Abri a caixinha em folha e dei-lha. Os olhos iluminaram-se ao reconhecer o objeto, e a sua face irradiou uma felicidade súbita. Falei-lhe da escrivantina, de como a encontrara. Creio que não me ouviu. Ficou calada durante algum tempo, enquanto acariciava a carta com os dedos. Suavemente.



De repente, pegou na minha mão. Tinha os olhos marejados de lágrimas.

— Bem me disseste que vinhas pelo Natal, querido. E eis-te aqui, o melhor presente de Natal do mundo. Vem para perto de mim e senta-te, meu querido Jim.

Sentei-me ao lado dela e beijou-me a face.

— Estava sempre a ler a tua carta. Era como se ouvisse a tua voz dentro da minha cabeça. Era uma maneira de sentir que estavas comigo. E agora estás mesmo. Agora que voltaste, podes ler a carta tu próprio. Queres lê-la? Só quero ouvir a tua voz de novo, Jim. Depois, podemos tomar chá. Fiz-te um belo bolo em maçapão. Sei o quanto adoras maçapão.

Michael Morpurgo
The best Christmas present in the world
London, Egmont Books, 2004
(Tradução e adaptação)

O melhor presente de Natal do mundo

1. Por que motivo decidiu o narrador comprar a escrivaninha apesar de ela não estar em bom estado?
2. O que o levou a começar a restaurá-la na véspera de Natal?
3. Que objeto encontrou no compartimento secreto do móvel?
4. Na tua opinião, que importância histórica tem a carta de Jim Macpherson?
5. Explica as razões pelas quais a trégua de Natal de 1914 — tema de livros, filmes e documentários —, foi considerada um ocorrência extraordinária no contexto da Primeira Guerra Mundial.
6. Por que motivo se sente o narrador culpado depois de ler a carta, e o que decide fazer em seguida?
7. Como reagiu a Sra. Macpherson ao receber a carta?
8. A história transmite valores tais como paz, empatia, solidariedade, compaixão, respeito, coragem, gratidão e esperança. Dá um exemplo de cada um deles, baseando-te no texto.
9. Qual é, afinal, “o melhor presente de Natal do mundo”? Justifica.
10. A propósito da Primeira Guerra Mundial, o filósofo hispano-americano George Santayana escreveu em 1922: “Apenas os mortos viram o fim da guerra.” Concordas com essa afirmação? Fundamenta a tua resposta.